

Homilia do 15º Domingo do Tempo Comum – Ano C

Queridos irmãos e irmãs, a liturgia deste domingo, nos traz uma proposta para definir nosso caminho para encontrar a vida eterna. É no amor a Deus e ao próximo, como nos revelará os textos de hoje que encontraremos a vida em plenitude.

A 1ª leitura, do Livro do Deuterônomo, reflete, sobretudo, sobre a questão do amor a Deus. Faz um convite aos que creem a fazer de Deus o centro de suas vidas e amá-lo de todo o coração. O amor se revela na fidelidade de Deus, que acolhe o povo desviado do caminho. Não basta, porém, desejar retornar ao Senhor, é necessário estar disposto a uma mudança de vida, de mentalidade, a uma transformação, possível por meio da observância da Lei. Essa Lei, expressão da aliança entre Deus e seu Povo, não é difícil nem está distante, conforme afirma o autor, mas está ao alcance de quem ama a Deus, está em sua boca e em seu coração. A Lei como expressão da vontade de Deus está ao nosso alcance e pode ser sintetizada no amor a Deus e ao próximo.

A expressão que encontramos no vers. 10 “com todo o coração e com toda a alma” reporta-se ao texto do Shemah, que recomenda ao povo amar a Deus com todo o coração, com toda a alma e com toda a força (Dt 6,4). Por isso, aderir à Lei é a mesma coisa que amar a vida, buscá-la e promovê-la.

Em nosso Evangelho, ouvimos o relato de uma parábola muito conhecida por nós: “A parábola do Bom Samaritano”, que irá nos levar a refletir sobre o seguimento da Lei em amar a Deus (Dt 6,4) e ao próximo (Lv 19,18). Sabemos que Jesus está rumo a Jerusalém. O texto nos apresentará um mestre da Lei que faz uma pergunta a outro mestre, uma cena comum no contexto judaico, quando os grandes mestres e os discípulos debatiam sobre temas fundamentais do judaísmo e, particularmente, sobre as diferentes interpretações da Lei. Porém, podemos notar que a pergunta do mestre da Lei mesmo que seja para tentar embaraça-lo, seria uma forma de ouvir o ensinamento de um grande mestre, como era Jesus. A pergunta em si é sobre o que fazer para herdar a vida eterna. Jesus responde com outra pergunta: “Que está escrito na Lei? Como lês?” Jesus leva aquele mestre a fazer uma interpretação da Lei e, este responde com o texto do Shemah (Dt 6,5) o amar a Deus e ao próximo (conf. Lv 19,18).

O amor para com Deus deve abarcar a totalidade do ser humano, ou seja, sua vida (alma), a sede de suas decisões e de suas capacidades intelectuais e emocionais (inteligência e coração), mas também seus bens materiais (sua força). O amor para com o próximo é referência tirada de Lv 19,18, cujo contexto é a não vingança contra o próximo. Ou seja, no contexto literário original, o próximo seria o inimigo; com o decorrer do tempo, porém, foi mais estritamente identificado com as pessoas do clã, da família.

Diante, da resposta de Jesus, o mestre lança uma segunda pergunta: “Quem é o meu próximo?”. A resposta de Jesus, desta vez, será através da parábola do bom samaritano, que mudará o foco da questão: não aponta quem é o próximo, mas como se fazer próximo das pessoas, sugerindo que isso consiste em ser misericordioso e ter compaixão do irmão mais necessitado.

A parábola inicia-se apresentando um homem que desce de Jerusalém para Jericó. Não há nenhuma identificação de quem seja esse homem: é um anônimo, não temos nenhuma referência sobre sua condição social, religiosa, geográfica. Provavelmente deva ser um judeu, pelos elementos apresentados e por ser depois ajudado por um samaritano. Esse homem é assaltado, e o foco não está no assalto em si, mas na condição deplorável em que se encontra a vítima. Aparecem dois personagens, o sacerdote e o levita, ambos pertencentes à classe sacerdotal, que passam, mas não sentem misericórdia por essa pessoa. Seus interesses pessoais e suas funções são mais importantes do que socorrer o ferido. Provavelmente, ambos têm medo de se contaminar com as feridas dessa pessoa, dado que estão relacionados ao culto e ao sacrifício, que exigem pureza ritual. Aparece então um samaritano, o único que tem um motivo definido para passar naquela estrada: está em viagem, provavelmente a trabalho, mas vê a vítima, tem compaixão dela e sai de si para tocá-lhe as feridas e dar-lhe assistência. Sabemos por razões históricas, que havia uma inimizade entre judeus e samaritanos nessa época. Por isso, como citamos anteriormente, provavelmente a vítima na parábola seria um judeu, que teve assistência por causa da misericórdia de um samaritano.

Vemos na parábola, que o samaritano não ama somente a Deus com toda a alma, com o coração e com suas forças, mas também o irmão necessitado. Como diz a 1ª leitura, cumprir a Palavra de Deus

não é algo longe, distante, pois ela está próxima e se faz próxima no irmão necessitado. Amar a Deus e amar o irmão, ao próximo, são atitudes inseparáveis. Assim, como o mestre da Lei, também nós recebemos o convite de Jesus: “Vai e faz a mesma coisa” (v. 37).

Em nossa segunda leitura, Paulo apresenta-nos um hino que propõe Cristo como a referência fundamental, como o centro à volta do qual se constrói a história e a vida de cada pessoa que crê e que adere a proposta do Senhor. O texto foge, um tanto, à temática geral das outras duas leituras; no entanto, a catequese sobre a centralidade de Cristo leva-nos a pensar na importância do que Ele nos diz no Evangelho de hoje. Se Cristo é o centro a partir do qual tudo se constrói, convém escutá-lo atentamente e fazer do amor a Deus e aos outros (o próximo) uma exigência fundamental da nossa caminhada.

Queridos irmãos e irmãs, a pergunta do mestre da Lei a Jesus: “Quem é o meu próximo?” pode ser a mesma que poderemos nos fazer hoje. Jesus mostra ao mestre da Lei através da parábola do “Bom Samaritano” quem é o próximo. Diferente do que pensava os judeus, o próximo não é somente aquele que está perto de nós, de quem gostamos ou que gosta de nós. Jesus vai além dessa visão e mostra que nosso próximo é todo aquele que precisa de nós, independente de quem possa ser. Temos a forte tendência humana de amar somente aqueles nos ama, porém, o Senhor nos ensina que o amor ultrapassa essa nossa visão, e nos pede para amar principalmente aquele que não nos ama, os nossos inimigos. O próprio Jesus nos deu esse grande exemplo na cruz, quando pede ao Pai que perdoe aqueles que o crucificaram por não saberem o que estavam fazendo. Se quisermos chegar à vida eterna, o Amor é o caminho, em primeiro amar a Deus sobre todas as coisas, fazer Dele o centro de nossa vida, pois Ele é o nosso primeiro Amor, depois devemos amar aos irmãos como a nós mesmos. Trata-se, portanto, de fazer com que o amor percorra as duas coordenadas fundamentais da nossa existência, a vertical em relação de nosso amor para com Deus e a horizontal, nossa relação de amor para com os outros homens nossos irmãos. É por aqui que passa a nossa realização plena.

A liturgia de hoje nos indica que o amor para com Deus é inseparável do amor para com o próximo. A misericórdia é o elemento que está no centro de nossa liturgia. Em primeiro a misericórdia de Deus, que ama e acolhe seu povo apesar de sua

infidelidade em cumprir a aliança (1ª leitura) e pede uma transformação do coração. A misericórdia expressa na entrega salvífica de Jesus, o Filho de Deus encarnado (2ª leitura) que não é inferior aos seres celestes, mas é a plena revelação de Deus de seu amor e de sua presença na história. Por fim, a misericórdia como expressão de uma vida coerente com os dois mandamentos: amar a Deus e ao próximo, a exemplo do que ouvimos no Evangelho.

Que a Mãe de Deus, exemplo de amor a Deus e a nós, interceda para possamos sair de nossos mundos fechados e irmos ao encontro daqueles que necessitam de ajuda, de misericórdia, de acolhida. Que escutemos e aprendamos o que seu Filho Jesus disse ao mestre da Lei: “Vá e faze a mesma coisa”.

Assim Seja.

